



ModaPalavra e-periódico

E-ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa

Catarina

Brasil

Macieira, Cássia

As jóias de Mallarmé e Barthes.

ModaPalavra e-periódico, núm. 4, agosto-diciembre, 2009, pp. 1-12

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514051715004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Modapalavra E-periódico

As jóias de Mallarmé e Barthes.

Cássia Macieira¹

Resumo

Neste estudo, aborda-se a figura de Stéphane Mallarmé que, no final do século XIX criou e redigiu sozinho uma revista de moda; *La Dernière Mode – Gazeta da boa sociedade e da família*. Essa foi várias vezes evocada por Barthes em entrevistas e, também, no final do seu texto, *Da Jóias à Bijuterias* (1961). Esta aproximação entre literatura e moda aconteceu em outras obras de Barthes, como: *História e Sociologia do Vestuário* (1957), *Linguagem e Vestuário* (1959), *Neste ano o azul está na moda*, (1960), *Dandismo e moda* (1962), *A moda e as ciências humanas* (1966), *O duelo Chanel-Courrèges* (1967), e o *Sistema da Moda* (1967). Como foco de discussão analisa-se a aproximação dos textos de Mallarmé e Barthes que potencializa conceitos da correspondência entre literatura e moda. Barthes leitor de Balzac, Saussure e Trubetskoy, torna-se um arqueólogo de revistas de moda sazonais, e é neste mesmo modo de expressão estética, que ele e Mallarmé refizeram e transformaram o cotidiano das mulheres parisienses em signo.

Palavras chaves:

moda – literatura - revista – Mallarmé - Barthes

The jewels of Mallarmé and Barthes.

Abstract

This study , approach - if the figure of Stéphane Mallarmé what , the end of day nineteenth century the author stéphane Mallarmé created and composed alone a magazine of fashion; *La Dernière Mode – gazette du monde et de la famille*. It was various turns evoked by Roland Barthes in interview and too in the last your text *Des joyaux aux bijoux*” (1961). this approximation between literature and fashion happened in other works of Barthes like: *History and sociology of the clothing* (1957), *Language and clothing* (1959), *In this year the blue thing is in fashion* (1960), *Dandyism and Fashion* (1962), *Fashion and to human studies* (1966), *The duel*

¹ Graduação em Gravura (1994) , Cinema de Animação (1996) e Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de MG (2001). Atualmente é professora no curso de design, graduação e pós-graduação da Universidade Fumec. Pesquisadora de Moda Contemporânea, Literatura e artes e Design de superfície. Co-fundadora da marca ‘bonecas sem-fronteira’. cassiam@fumec.br

Modapalavra E-periódico

chanel-Courréges (1967) and the *System of the fashion*, book 1967. The approximation of the texts of Mallarmé and Barthes potential concepts of the correspondence between literature and fashion. Barthes reader of Balzac, Saussurre and Trubetskoi, becomes an arqueology of seasonal magazines of fashion, and it is this way of aesthetic expression, that it links and Mallarmé remade and turned the daily life of the Parisian women into sign.

Words keys:

fashion – literature - magazine – Mallarmé - Barthes

As jóias de Mallarmé e Barthes.

A moda é um sistema
de signos utilitários.
Décio Pignatari.

Stéphane Mallarmé (1842 - 1898) no final do século XIX criou e redigiu sozinho a revista de moda, *La Dernière Mode – Gazette du monde et de la famille* - Última Moda; *Gazeta do mundo e da família*; citada por Barthes em entrevista e em seu texto, *Da Jóias à Bijuterias (1961)*.

Modapalavra E-periódico

A revista de 1874 teve oito edições e parece ter sido um objeto de prazer para Mallarmé, como na carta que escreve à Paul Verlaine: “(...) *que me ajudam ainda a sonhar longamente quando os dispo da poeira*” (Mallarmé, 2003, p.1713). Nela, o texto irônico e prazeroso, longe dos jogos semânticos, apontava o que faltava no cotidiano das mulheres parisienses do século XIX, lembrando-lhes, que o real não as satisfaziam, com uma linguagem inocente e com pseudônimo feminino de Marguerite de Ponty, *conselheira segura do gosto* (Souza, 1987, p.11).

Nessa Gazeta, Mallarmé orientava as mulheres o que usar e a pensar; um corajoso experimento, mesmo que não tenha inovado no sentido do espaço poético como o seu poema subversivo “*Un coup de dés jamais n'abolira le hasard*” – Um lance de dados jamais abolirá o acaso – 1897², mas, para Barthes, em *O grau zero da escritura*; a linguagem nunca é inocente, pois as palavras têm uma memória segunda, que se prolonga misteriosamente em meio às significações novas, o que legitima essa revista como uma obra a ser investigada.

² Ver: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. **Mallarmé**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1991

Modapalavra E-periódico

Outros escritores também dedicaram à moda, como o ensaio *De la mode*, 1857, de Théophile Gautier (1811–1872); o *Fundamentos de Fonologia* de Nicolai Trubetskoy (1890-1938), primeiro linguista a investigar sobre a natureza da roupa, *O hábito faz o monge* de Humberto Eco (1932). E, ainda, *Sobre a Modernidad*, de Charles Baudelaire (1821-1867), e Honoré Balzac (1799 - 1850), com o seu *Traité de la vie élégante de 1830*, que influenciou vários tratados de elegância, e Jules Michelet (1798-1874) e Thomas Carlyle (1795-1881), citados por Barthes, que publicou *História e Sociologia do Vestuário* (1957), *Linguagem e Vestuário* (1959), *Neste ano o azul está na moda*, (1960), *Dandismo e moda* (1962), *A moda e as ciências humanas* (1966), *O duelo Chanel-Courrèges* (1967), e o *Sistema da Moda*, livro – 1967.

No Brasil, uma das primeiras pesquisas acadêmicas, na Antropologia, no final dos anos 50, foi a tese de doutoramento da professora Gilda de Mello e Souza (1919-2005), da Universidade de São Paulo, que veio a ser publicada como: *O Espírito das roupas: a moda do século dezenove*. E, quase 40 anos depois, Décio Pignatari em *Moda e classe e Vestir os nus*, categorizados em um capítulo, “Artes”, no livro Letras, Artes Mídia de 1995.

Modapalavra E-periódico

Em *Fundamentos de Fonologia*, o estruturalista Nicolai Trubetskoy foi a grande referência para Barthes, na aplicação do vestuário, na distinção saussuriana entre língua e fala. Neste caso, a indumentária, como a língua:

“seria um sistema institucional, abstrato, definido por funções, do qual o usuário individual extrairia seu traje, atualizando a cada vez uma virtualidade normativa. Trubetskoy citava como fato de traje (ou seja, de “fala”) as dimensões individuais de um vestuário, seu grau de desgaste e de sujeira, e como fato de indumentária (ou seja, de “língua”) a diferença, ainda que ínfima, entre o vestuário das solteiras e das casadas em determinadas sociedades.” (Barthes, 2005, p.298).

A separação Língua e , instaurada por Ferdinand Saussurre (1857– 1913), contribuiu para o nascimento da Linguística Moderna - ciência da linguagem verbal humana e não mais a linguagem que tinha como função em agrupar todas as expressões como, gestos, sons, cores e etc, seja ela manifestada linguisticamente ou não. Nesse contexto a língua seria, então, um código social, coletivo e não individual como a fala.

“Desde Saussurre, sabe-se que a linguagem, assim como a indumentária, é ao mesmo tempo sistema e história, ato individual e instituição coletiva. Linguagem e indumentária são, a cada momento da história, estruturas completas, constituídas organicamente por uma rede funcional de normas e formas; a transformação ou o deslocamento de um elemento pode modificar o

Modapalavra E-periódico

conjunto, produzir uma nova estrutura: estamos sempre distante de equilíbrios em movimento, instituições em devir. (...) Cabe-nos, pois, examinar rapidamente a incidência metodológica dos modelos saussurianos sobre o estudo do vestuário. Evidentemente, é preciso ter o cuidado de não levar demasiadamente longe a analogia. Apenas a oposição funcional dos dois planos pode ter validade metodológica.” (Barthes, 2005, vol.3, p.268-9)

Essa autonomia da linguagem permitiu que Roland Barthes (1915- 1980), a partir dos estudos de Trubetskoy , legitimasse a moda como linguagem, em seu texto “*Da Jóias à Bijuterias*”, de 1961; “ora, a moda como se sabe, é uma linguagem”, (Barthes, 2005, p.339), mas dois anos antes, no seu ensaio *Linguagem e literatura*, de 1959, a denuncia como frivolidade e se defende do mito da inutilidade, futilidade e da fantasia, no momento que preparava o Sistema da Moda – única obra da semiologia que trata a moda como signo:

“Veremos que o vestuário é um assunto decepcionante; ao mesmo tempo que parece incitar a uma epistemologia de síntese, esquia-se: ora espetáculo pitoresco (em inúmeros álbuns de vulgarização), ora valor psicológico, mas nunca objeto realmente sociológico, as melhores reflexões que provocou ainda são incidentais, pertencem a escritores e filósofos, talvez porque só eles estão suficientemente libertos do mito da futilidade.” (Barthes fazendo referência a Carlyle, Michelet, Balzac.) (Barthes, 2005, p.283).

Segundo ele, a moda é uma combinação de elementos e regras de transformação como a gramática e, dual, pois de um lado, estabelece correspondência entre o vestuário descrito e usos, características, estações e,

Modapalavra E-periódico

para isso, esconde atrás de álibis sociais ou psicológicos, enquanto a outra renuncia a esse sistema de equivalência, e consiste em edificar uma função propriamente abstrata ou poética. *É uma moda ociosa, luxuosa, mas que tem o mérito de se declarar como forma pura. Nesse sentido, aproxima-se da literatura.* (Barthes, 2005, p.379).

Barthes dedicou quase dez anos de estudo e sistematização e percebeu que a moda tende a perder, efetivamente, “a memória do seus signos, como se ela produzisse, ao nível dos seus enunciados, signos fortes, numerosos, definidos e duradouros, mas esquecesse imediatamente ao confiá-los a uma memória volúvel”

(Barthes, 2005, p.212). Para ele, a leitora de uma revista de moda, quando escreveu Sistema da moda, não tinha:

“*consciência dos mecanismos que produzem esses signos, mas recebe-os. Esses signos são, aliás, extremamente variados; é claro que todos sabem que, através do vestuário trocamos informações bastante elementares, não só sobre a nossa situação social ou profissional, sobre a nossa classe de idade, como dizem os etnólogos, mas igualmente sobre determinado hábito social, determinada cerimônia, determinada ocupação.*” (Barthes, 1995, p.70).

Ele pontuou que esta linguagem, para o qual criou regras internas, não correspondia a nenhum fenômeno de tipo sociológico, pois a transformação de uma ordem

Modapalavra E-periódico

de signos numa ordem de razões é conhecida como racionalização, e que o “*vestuário é sempre construído como um sistema geral de signos, as significações deste sistema não são estáveis; evoluem e passam ao sabor da história*”. (Barthes, 1995, p.72). Mas, modestamente, diz não ter escrito uma moda em especial, mas apenas um inventário formal, diferente da sazonalidade que estávamos acostumados, e percebeu a moda (e outros) como um sistema a ser codificado, e aplicou o método de análise e procedimentos utilizados nos textos literários, construindo um campo semântico a partir de suas leituras de revistas de moda sazonais. Dividiu a moda entre real, imagético e o escrito, mas nesta obra de 1967, *Sistema da moda*, tratou-se apenas do vestuário-escrito.

“A semiologia da moda impressa deve possibilitar que se remova, honestamente, um temível entrave que dificulta toda semiologia do primeiro grau: a objetivação indevida dos significados. Ao contrário, como a moda escrita é um sistema semiológico de segundo grau, passa a ser não só legítimo, como até necessário, separar o significado do significante e devolver ao significado o peso mesmo de um objeto. (...) semiologicamente falando, funciona como uma verdadeira mitologia do vestuário.” (Barthes, 2005, p.299)

Roland Barthes inseriu a moda no projeto semiológico, tratou-a como sistema de signo. Para ele, a revista de Mallarmé era uma referência, mesmo com as crônicas direcionadas aos caprichos femininos : “*Um exemplo apaixonante (...) foi dado por Mallarmé, que redigiu sozinho uma pequena revista de moda, La*

Modapalavra E-periódico

Dernière Mode, que se apresenta como uma verdadeira revista de moda, com descrições de vestidos, tais como as que se encontram – sem levar em conta o talento – na revista ELLE. Mas, ao mesmo tempo, essas descrições são, para o autor, em exercício profundo, quase metafísico, sobre o tema mallarmeano do nada, do bibelô, da inanidade. È um vazio que não é absurdo, um vazio construído com um sentido". (Barthes, 2005, vol.3, p.379)

Em *Jóias* de Mallarmé, percebe-se uma moda sazonal, dirigida às mulheres e leitoras de revistas femininas. Ao falar da jóia, discorre de todos os tipos, formas e cores, e ainda, dá conselhos de como usá-la, indicando a melhor indumentária. Não se sabe se Mallarmé estava realmente interessado em combinar jóias ou se estava brincando com suas leitoras que apreciavam descrições e regras da moda. Nesta crônica, nos dá detalhes reais de tipos de jóias, o que nos faz confundi-lo com uma verdadeira conchedora de moda.

“(…) Todo mundo leva no braço um bracelete amuleto-dasorte, de ouro liso ou com pérolas e turquesas; e no dedo um anel, exclusivo, sempre simples, sem brilhante nem esmeraldas, esmaltados, ou com uma pequena miniatura. No domínio da fantasia, pode-se escolher pendentes de orelhas e uma cruz de prata em ouro velho com pedras no estilo antigo. A jóia vem da Bretanha ou de Provença, da Normandia, da Alemanha ou da Holanda. As jóias que se usam no Dia são totalmente diferentes das Noites, teríamos grande cuidado se, por exemplo, viéssemos compor uma cesta de casamento, de colocar umas e outras. (Mallarmé, 2003, p.291.)

Modapalavra E-periódico

Ao contrário de Barthes, que retrata uma jóia cheia de signos em uma escritura atemporal.

No entanto, seduz; duro, límpido, dispõe de uma terceira qualidade simbólica: brilha. E ei-lo incorporado a um novo tema mágico e poético, o de substância paradoxal, ao mesmo tempo ígnea e fria: ele só é fogo, contudo só é gelo. Que símbolo esse fogo frio, esse brilhante incisivo, mas sem resposta, que símbolo para toda a ordem mundana das vaidades, das seduções sem conteúdo, dos prazeres sem verdade! Durante séculos, a humanidade cristã sentiu vividamente (bem mais que nós) a oposição entre mundo e solidão; com seu fogo e sua frialdade, o diamante era o mundo, ordem abominada e fascinante de ambições, lisonjas e decepções, que tantos de nossos moralistas condenaram – talvez para melhor descrevê-lo. (Barthes, 2005, vol.3, p.336).

A aproximação dos textos de Mallarmé e Barthes, potencializa conceitos da correspondência de ambos, entre literatura e moda. Barthes leitor de Balzac, Saussure e Trubetskoy foi um arqueólogo de revistas de moda sazonais, e Mallarmé com o seu pseudônimo feminino, enganou a todos com sua descrição sobre adornos e comportamentos das mulheres, no final do século XIX. Mas foi nesta expressão estética, ou melhor – linguagem, que ele e Roland Barthes refizeram e transformaram a moda em signo. Ambos com intenções distintas: um, provando que era linguagem, e o outro, divertindo em suas crônicas.

Modapalavra E-periódico

Referências bibliográficas:

1. BARTHES, Roland. **Inéditos**. Vol.3 – Imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
2. BARTHES, Roland. **O Grão da Voz**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves 1995.
3. BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1971.
4. BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Vol.3 – Imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
5. BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.
6. BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
7. CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. **Mallarmé**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1991.
8. CASA NOVA, Vera. **Texturas: ensaios**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Programa de Pós Graduação em Letras, Estudos Literários/ PUC Minas, 2002.
9. CASA NOVA, Vera. **Fricções: traço, olho e letra**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
10. CLUVER, Claus. Inter Textus/ Inter Artes/ Intermedia. **Aletria** – Revista do Departamento de Estudos Literários da Pós Graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Número 14). Pg. 11- 41. Julho - dezembro / 2006.
11. MALLARMÉ, Stéphane. **Mallarmé. Oeuvres complètes II**. Paris: Bibliothèque de la Pléiade. Éditions Gallimard, 2003.
12. MICHAUD, Guy. **Mallarmé l'homme et l'oeuvre**. Paris: Hatier-Boivin, 1953.
13. MOSER, Walter. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermedialidade. **Aletria** – Revista do Departamento de Estudos Literários da Pós Graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Número 14). Pg. 42 - 65. Julho - dezembro / 2006.

Modapalavra E-periódico

14. PERRONE- MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas.** Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998.
15. PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura.** São Paulo: Editora Ática, 1993.
16. PIGNATARI, Décio. **Letras, Artes, mídia.** São Paulo: Editora Globo, 1995.
17. SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas:** *A moda no século dezenove.* São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1987.